

ARTE E CONHECIMENTO: FORMANDO INDIVÍDUOS

ART AND KNOWLEDGE: FORMING INDIVIDUALS

Dênis Martins de Oliveira 1

Ely Mitie Massuda 2

Leticia Fleig Dal Forno 3

Resumo: É por meio da Arte que a capacidade criativa, inovadora e inventiva é afluída, tornando possível o desenvolvimento de um olhar crítico e reflexivo nas pessoas. Entender como se manifesta o conhecimento no processo de ensino de Arte, permite reafirmar sua relevância na formação dos indivíduos. O estudo parte então da seguinte problemática: de que forma o conhecimento se manifesta no ensino de Arte? Assim, a presente pesquisa tem como objetivo compreender a relevância do ensino das Artes na construção do conhecimento dos indivíduos no contexto educacional brasileiro. A pesquisa se caracteriza por ser de natureza aplicada e os objetivos são de caráter exploratórios/descritivos, atendidos por meio de revisão narrativa de literatura. O resultado dessa pesquisa depreende que o ensino de Arte e todo conhecimento envolvido em seus processos de ensino e aprendizagem são não só relevantes, mas também parte fundamental para a formação humanizada dos indivíduos.

Palavras-chave: Ensino de Arte. Conhecimento. Arte no Brasil. Docência em Artes.

Abstract: It is through Art that the creative, innovative and inventive capacity is brought to the discussion, making it possible to develop a critical and reflective sight in people. Understanding how knowledge manifests itself in the Art teaching process, allows to reaffirm its relevance in the formation of individuals. The study then starts from the following problem: how does knowledge manifest itself in art teaching? Thus, this research aims to understand the relevance of teaching Arts in building the knowledge of individuals in the Brazilian educational context. The research is characterized by being of an applied nature and the objectives are of an exploratory/descriptive nature, served through narrative literature review. The result of this research shows that the teaching of Art and all the knowledge involved in its teaching and learning processes are not only relevant, but also a fundamental part for the humanized formation of individuals.

Keywords: Art Teaching. Knowledge. Art in Brazil. Teaching in Arts.

-
- 1 Mestre em Gestão do Conhecimento nas Organizações pela Unicesumar. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7878085094344256>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7225-577X>. E-mail: deniismartins@gmail.com
 - 2 Doutora em Ciências Econômicas pela USP. Docente da Unicesumar. Lattes: [Lattes: http://lattes.cnpq.br/9691936279245790](http://lattes.cnpq.br/9691936279245790).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7485-5066>. E-mail: ely.massuda@unicesumar.edu.br
 - 3 Doutora em Educação pela Universidade de Lisboa. Docente da Unicesumar. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7611407832193396>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3102-8757>. E-mail: leticia.forno@unicesumar.edu.br

Introdução

A partir do pressuposto de que desde a pré-história o homem constrói representações gráficas nas paredes das cavernas e que estas, por sua vez, são carregadas de simbolismos e passíveis das mais variadas interpretações, estamos, então, tomando como base o fato de que o homem se expressa por meio de composições visuais. Segundo Gombrich (2008) não se pode conhecer o real motivo pelo qual tais elementos foram pintados, rabiscados ou desenhados naquele espaço, o que se sabe é que são representações visuais de um tempo, de um contexto, e isso é denominado Arte, mais especificamente Arte Rupestre.

Farthing (2011) apresenta que buscando historicamente nas mais variadas civilizações, é possível encontrar algum elemento gráfico, sonoro, rítmico ou ornamental que tenha um simbolismo para aqueles que o pensaram ou para aqueles que utilizam de tal elemento como parte de suas crenças. A Arte está intimamente atrelada ao conhecimento dos indivíduos no contexto que os cerca mas muitas vezes, nem é possível notar sua relevância. Para Hernandez (2000), a Arte é apresentada como uma construção social mutante no espaço, no tempo e na cultura, que hoje reflete nas instituições, nos meios de comunicação e nos objetos artísticos.

Do contexto histórico para o cenário atual, questiona-se em relação as projeções de acesso, a quantas referências visuais são vistas por dia? Novelas, filmes, séries, música, dança, a Arte está enraizada no dia a dia dos indivíduos, é parte da rotina cotidiana, desde o momento em que acordamos e vemos um rótulo na embalagem de café até o momento que vamos dormir e paramos para ler um livro, “a arte, portando, prefigura-se nos próprios processos do viver” (DEWEY, 2010, p. 92). Almeida *et. al.* (2012) apresentam que as linguagens midiáticas mudaram o modo de vida atual, a cultura passou a se basear na imagem, por meio da diversidade dos meios de comunicação, e a publicidade e a Arte se misturaram à compra e venda de produtos.

Considerando que o conhecimento pode ser entendido como “informações, conscientização, saber, cognição, sapiência, percepção, ciência, experiência, qualificação, discernimento, competência, habilidade prática, capacidade, aprendizado” (SVEIBY, 1998, p. 35) é possível pensar no processo que envolve a construção do conhecimento em Artes. O conhecimento das artes envolve algumas estruturas basilares como a experimentação, decodificação e informação de forma que “nas artes visuais, estar apto a produzir uma imagem e ser capaz de ler uma imagem são duas habilidades inter-relacionadas” (BARBOSA, 2007, p. 17).

Dessa forma, o presente estudo objetiva enfatizar a relevância do ensino de Arte na formação e construção do conhecimento dos indivíduos no contexto do ensino brasileiro.

Metodologia

Considerando os aspectos metodológicos necessários para o desenvolvimento da proposta deste estudo, a pesquisa se caracteriza por ser de natureza aplicada e os objetivos são de caráter exploratórios/descritivos. Segundo Gil (2008), as pesquisas com objetivos exploratórios têm como foco desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987).

A pesquisa ainda traz enfoque qualitativo, em que se utiliza a coleta de dados sem a medição numérica para descobrir ou aprimorar perguntas de pesquisa no processo de interpretação (SAMPLIERI *et al.*, 2017). Dados obtidos no enfoque qualitativo podem ser descrições detalhadas de situações, interações, eventos ou ainda condutas observáveis e suas manifestações, conforme narra Sampieri *et al.* (2017). Para auxiliar na busca por informações acerca da temática proposta, bem como buscar atender aos objetivos propostos para esta pesquisa, o processo foi feito por meio de revisão narrativa de literatura que consiste em:

Publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o “estado da Arte” de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual. Constituem,

basicamente, de análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressas e/ou eletrônicas na interpretação e análise crítica pessoal do autor (ROTHER, 2007, p. 1).

A coleta de dados é feita de modo a recolher informações para a análise posterior, bem como para o cruzamento dos dados. Assim para este estudo, como técnica de coleta de dados utilizou-se da pesquisa bibliográfica. Para Lakatos e Marconi (2001), a pesquisa bibliográfica consiste em um formato que:

Abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto (LAKATOS e MARCONI 2001, p. 183).

A investigação das soluções, por meio de revisão narrativa de literatura, também pode envolver o processo que permita pinçar das obras escolhidas os temas, os conceitos, as considerações relevantes para a compreensão do objeto de estudo, assim as palavras chave são fundamentais para que se possa avançar nas buscas por referências que auxiliem na fundamentação teórica da pesquisa. Para este estudo foram utilizadas as palavras-chave: Ensino de Arte, Gestão do Conhecimento no ensino, Abordagem Triangular e as bases de pesquisa foram as obras impressas (livros) e versões online (e-books) das autoras Ana Mae Barbosa e Kimiz Dalkir, bem como artigos relacionados à temática deste estudo.

Resultados e discussão

O ensino de arte no Brasil: um panorama histórico

As discussões que permeiam o ensino de Artes no Brasil não são recentes. Muito já se debateu sobre a construção de um currículo escolar que realmente fosse pautado na formação dos indivíduos de forma plena. Contar com a presença da disciplina de Artes na educação básica e trazer a tona o panorama sobre o ensino de Artes, é reafirmar a sua relevância para a formação pessoal e acadêmica de crianças e adolescentes.

Dewey¹ (2010) apresenta que a Arte foi e é vista por muitos como mero passatempo ou decoratividade, justamente por ter seu significado e importância distorcido por teorias e/ou autores. Entretanto, o conhecimento está presente na produção da arte, conforme Barbosa (2015) descreve, parafraseando Dewey, “tanto na produção quanto na apreciação de trabalhos de arte o conhecimento é transformado; ele se torna mais do que conhecimento por que se mistura a elementos não intelectuais para tornar válida uma experiência” (BARBOSA, 2015, p. 158).

Olhando para o processo de construção do conhecimento, por parte dos indivíduos que aprendem é importante observar que nenhuma disciplina do currículo escolar trabalha de forma isolada. Para que realmente haja aprendizado, se faz necessário trabalhar em conjunto de forma dinâmica e integrativa, a fim de proporcionar experiências de aprendizado e auxiliar de maneira interdisciplinar a formação dos indivíduos, e a Arte tem papel fundamental nesse processo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (1997) apresentam que:

O mundo atual caracteriza-se por uma utilização da visualidade em quantidades inigualáveis na história, criando um universo de exposição múltipla para os seres humanos, o que gera a necessidade de uma educação para saber perceber e distinguir

¹ John Dewey, filósofo e pedagogista norte-americano. Dewey foi um dos principais representantes da corrente pragmatista inicialmente desenvolvida por Charles Sanders Peirce. Ele também escreveu extensivamente sobre pedagogia, onde é uma referência no campo da educação moderna.

sentimentos, sensações, idéias e qualidades. Por isso o estudo das visualidades pode ser integrado nos projetos educacionais. Tal aprendizagem pode favorecer compreensões mais amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade, afetividade e seus conceitos e se posicione criticamente (BRASIL, 1997, p.45).

Para pensar nos aspectos que norteiam o ensino da Arte no Brasil, se faz necessário trazer alguns pontos históricos pertinentes a esta trajetória, para assim compreender como esse processo se manifesta, bem como para situarmos o contexto de ensino no que tange a Arte, perante as normativas que regem esta área do conhecimento. Segundo o Parecer CNE/CES nº 280/2007, aprovado em 6 de dezembro de 2007:

A organização do ensino das Artes em grau superior no Brasil precedeu em muitos anos a organização desse ensino na educação básica e remonta à Academia Imperial de Belas Artes (criada pelo Decreto-Lei datado de 1816, e que só começaria a funcionar em 1826). Apesar dessa tradição - a Academia constituiu-se numa das primeiras instituições de ensino superior no Brasil, junto as escolas militares e os cursos médicos - e refletindo preconceitos entranhados em acadêmicos e legisladores, o ensino das Artes na educação básica só se tornou obrigatório com a Lei nº 5.692/71, que instituiu a disciplina de Educação Artística nos currículos de 1º e 2º Graus. Tal obrigatoriedade fez crescer a oferta de graduações (sobretudo licenciatura) com habilitação em Artes Plásticas, Artes Cênicas, Música e Desenho, descentralizando a oferta de cursos na área, antes praticamente restrita aos centros tradicionais (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2008, p. 1).

Por muito tempo a Arte, e por consequência seu processo de ensino, foi negligenciada devido ao não interesse em promover tal formação, mas, aos poucos, o processo foi caminhando e é possível notar um progresso, embora se tenha enfrentado desafios, principalmente com relação à formação de docentes para atuação nesta área.

A questão central do ensino de Arte no Brasil diz respeito a um enorme descompasso entre a produção teórica, que tem um trajeto de constantes perguntas e formulações, e o acesso dos professores a essa produção, que é dificultado pela fragilidade de sua formação, pela pequena quantidade de livros editados sobre o assunto, sem falar nas inúmeras visões preconcebidas que reduzem a atividade artística na escola a um verniz de superfície, que visa comemorações de datas cívicas e enfeitar o cotidiano escolar (BRASIL, 1997, p. 25).

Não havendo formação qualificada para tal função, professores de outras áreas faziam uma espécie de capacitação que os “habilitava” a ministrar a disciplina de educação artística. Esse processo fazia com que as aulas fossem superficiais e sem domínio das temáticas que norteiam a história da Arte e os movimentos artísticos, e quiçá o processo de expressividade e a exploração da personalidade criativa, elementos que não eram trabalhados neste cenário.

Em minha experiência tenho visto que as artes visuais ainda estão sendo ensinadas como desenho geométrico, seguindo a tradição positivista, ou continuam a ser ensinadas principalmente nas datas comemorativas, na produção de presentes muitas vezes estereotipados para o dia das mães ou dos pais. A falta de uma preparação de pessoal para entender arte antes de ensiná-la é um problema crucial, nos levando muitas vezes a confundir improvisação com criatividade (BARBOSA, 2012, p. 15).

Embora, historicamente, tenha uma trajetória muito curta no cenário nacional, a despeito da presença na vida dos seres humanos desde as pinturas rupestres nas paredes das cavernas, o processo que envolve o ensino de Artes e a educação escolar é relativamente recente (BRASIL, 1997). Com os questionamentos pertinentes ao processo de ensino como um todo, mas com olhar especial para a Arte, é possível apresentar alguns aspectos conforme os documentos formais citam.

Na primeira metade do século XX, as disciplinas Desenho, Trabalhos Manuais, Música e Canto Orfeônico faziam parte dos programas das escolas primárias e secundárias, concentrando o conhecimento na transmissão de padrões e modelos das culturas predominantes. Na escola tradicional, valorizavam-se principalmente as habilidades manuais, os “dons artísticos”, os hábitos de organização e precisão, mostrando ao mesmo tempo uma visão utilitarista e imediatista da Arte. Os professores trabalhavam com exercícios e modelos convencionais selecionados por eles em manuais e livros didáticos. O ensino de Arte era voltado essencialmente para o domínio técnico, mais centrado na figura do professor; competia a ele “transmitir” aos alunos os códigos, conceitos e categorias, ligados a padrões estéticos que variavam de linguagem para linguagem, mas que tinham em comum, sempre, a reprodução de modelos (BRASIL, 1997, p.22).

Alves (2016) apresenta um olhar bem claro com relação aos desafios do ensino de Arte que acumularam obstáculos no decorrer da história:

Um dos desafios do ensino de Arte é o reconhecimento da autonomia de seu conhecimento. No caso específico das Artes visuais é construir, com a sociedade brasileira, a compreensão de que as Artes visuais não são um recurso ilustrativo para a fixação dos conteúdos das disciplinas hierarquicamente consideradas mais importantes, mas que todas as áreas de conhecimento são fundamentais na formação dos indivíduos, inclusive as Artes visuais. E, como todas as áreas, as Artes e a linguagem das Artes visuais possuem um processo de aprendizagem em si mesmas (ALVES, 2016, p. 31).

Ainda, referindo-se ao percurso histórico, a passos curtos, a Arte foi sendo estudada enquanto área do saber e, portanto, referências teóricas foram surgindo para que o processo de ensino fosse estruturado, pois se faziam necessárias pesquisas de modo que os docentes pudessem organizar um sistema que fizesse sentido não só dentro das escolas, mas também para a própria formação dos alunos.

No início da década de 70 autores responsáveis pela mudança de rumo do ensino de Arte nos Estados Unidos afirmavam que o desenvolvimento artístico é resultado de formas complexas de aprendizagem e, portanto, não ocorre automaticamente à medida que a criança cresce; é tarefa do professor propiciar essa aprendizagem por meio da instrução. Segundo esses autores, as habilidades artísticas se desenvolvem por meio de questões que se apresentam à criança no decorrer de suas experiências de buscar meios para transformar ideias, sentimentos e imagens num objeto material. Tal experiência pode ser orientada pelo professor e nisso consiste sua contribuição para a educação da criança no campo da Arte (BRASIL, 1997, p.21).

Seguindo esse mesmo pensamento em voga nos estudos da década de 1970, em 1988, as discussões sobre a nova Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional retira o ensino de Artes da educação básica, mas após inúmeros protestos de educadores contrários a referida situação, com a

Lei nº 9.394/96, revogam-se as disposições anteriores e a Arte é considerada obrigatória no referido ciclo educacional (BRASIL, 1997, p.25).

É de grande relevância trazer a visão de Dewey (2010) sobre o processo que envolve a Arte enquanto ensino ou enquanto conteúdo pertencente ao currículo escolar. Algumas interpretações de Dewey do conceito de Arte como experiência consumatória exerceram grande influência nas escolas primárias no Brasil. A interpretação dada pelos educadores brasileiros é bastante similar a da Escola Progressista dos Estados Unidos, isto é, a Arte como meio de ajuda para a formação do conceito e como uma fase final de uma experiência (BARBOSA, 2015, p. 143 -144).

Conforme Barbosa (2015), a própria estrutura de conceitos para o ensino de Arte no Brasil, tem neste autor o embasamento necessário para fazer compreender a relevância do ensino de Arte. Assim, diz o autor em sua obra a Arte como experiência:

A experiência, essa negociação consciente entre o eu e o mundo, é uma característica irreduzível da vida, e não há experiência mais intensa do que a Arte. O objeto artístico, por si só, não existe até ser presentificado pelo observador, que, segundo seus próprios interesses, recriará o processo de seleção, simplificação, iluminação e condensação empregado pelo artista para só então perceber e aceitar o objeto como obra de Arte (DEWEY, 2010. p. 10).

O que Dewey (2010) apresenta vai ao encontro à descrição de Hernandez (2000) que considera que a aprendizagem atrelada ao conhecimento artístico exige uma organização do pensamento em seu mais alto nível. Isto porque as estratégias intelectuais como análise, inferência, planejamento bem como interpretação, são trabalhadas na resolução de problemas como forma de compreensão dos processos: “o conhecimento artístico não só potencializa os sentidos, mas fortalece a identidade dos indivíduos em relação às capacidades de discernir, valorizar, interpretar, compreender, representar e imaginar” (HERNANDEZ, 2000, p.42).

Tais reflexões fundamentam a proposta teorizada do processo de ensino de Arte, e boa parte destas teorias se encontram nos documentos oficiais que regem as estruturas curriculares da educação nacional. A grande questão está na aplicabilidade de tais conceitos, ou seja, como ocorre o processo em sala de aula, local onde efetivamente tais reflexões deveriam imperar no sentido de estimular o aprendizado dos diferentes saberes por meio de reflexões e indagações a fim de formar nos alunos um caráter crítico, reflexivo e criativo. A Arte pode ser o meio pelo qual os alunos podem explorar a imaginação e repensar suas próprias realidades.

Para Dewey, a imaginação seria a capacidade humana de discernir oportunidades inerentes ao presente, mas ainda não realizadas pelo meio atual. A concepção moderna de criatividade valorizou a ruptura radical com o passado, enquanto Dewey enfatizava a importância da imaginação dentro da continuidade bissociocultural. A imaginação assim contextualizada teria como função atuar na intersecção entre significações socioculturais herdadas do passado - conhecidas, sedimentadas como História - e possibilidades ainda não reveladas ou descobertas pelo presente. E é essa imaginação que é necessária aos Arte-educadores brasileiros, sem o conhecimento e consciência de sua própria história não é possível reinventar o presente (BARBOSA, 2015, p. 10).

Partindo deste olhar teórico em que a formação do docente é primordial para que seja possível criar um ambiente de sala de aula condizente não só com os conteúdos ali apresentados, mas que faça real sentido para a realidade daqueles que ali estão. Considerando que o cenário

de ensino de Arte foi se alterando com o passar do tempo no Brasil, o Ministério da Educação na Resolução Nº 1, de 16 de janeiro de 2009, apresenta como perfil esperado do professor formado em Artes Visuais as seguintes atribuições:

Art. 3º O curso de graduação em Artes Visuais deve ensinar, como perfil do formando, capacitação para a produção, a pesquisa, a crítica e o ensino das Artes Visuais, visando ao desenvolvimento da percepção, da reflexão e do potencial criativo, dentro da especificidade do pensamento visual, de modo a privilegiar a apropriação do pensamento reflexivo, da sensibilidade artística, da utilização de técnicas e procedimentos tradicionais e experimentais e da sensibilidade estética através do conhecimento de estilos, tendências, obras e outras criações visuais, revelando habilidades e aptidões indispensáveis à atuação profissional na sociedade, nas dimensões artísticas, culturais, sociais, científicas e tecnológicas, inerentes à área das Artes Visuais (ME, 2009, p. 1 e 2).

Complementando a afirmação sobre o perfil formativo do acadêmico de Artes visuais a resolução Nº 1, de 16 de janeiro de 2009 do Ministério da Educação, apresenta no Artigo 5º a seguinte especificidade:

A graduação em Artes Visuais a nível de desenvolvimento deve desenvolver o perfil do egresso trabalhando estudos e processos de interação com outras áreas do conhecimento, tais como filosofia, estética, sociologia, comunicação e teorias do conhecimento, com o objetivo de fazer emergir e amadurecer a linguagem pessoal do formando através da elaboração e execução de seus projetos [...] (ME, 2009, p. 2).

Barbosa (2015) narra que a influência de Dewey foi crescente no século XX (1970-90), período em que o foco era levar o ensino de Arte a todas as classes sociais. A Arte, então, passou a ser apresentada e estudada como preparação para o trabalho ou como instrumento integrador da cultura. Mas, de fato, nunca se teve um norte teórico como referência para se trabalhar o ensino de Arte no Brasil. Muitas foram as reflexões e discussões sobre a relevância da Arte, o que fez com que nem houvesse tempo para se chegar a um consenso em termos de teorias para serem realmente aplicadas em sala de aula.

Os Arte-educadores têm estado mais preocupados em importar e decodificar modelos estrangeiros do que em analisar as condições propícias à aprendizagem e em se assenhorar da herança cultural da nação, para embasar seu ensino, e torná-lo instrumento de reflexão crítica, extensão e aprofundamento do universo cognitivo, afetivo e social de seus alunos. A história nos aponta a necessidade de promover um ensino de Arte no qual figura e fundo se interpenetrem, onde um recorte cultural seguro preceda a colagem criadora e enriquecedora da experiência estética (BARBOSA, 2015, p.182).

O posicionamento de Barbosa (2015) deixa claro que ainda é necessário pensar os processos de construção do conhecimento no ensino de Arte, e mais do que isso, pensar como levar e aplicar esses processos em sala de aula. O foco está no que apresenta o PCN de Artes:

A educação em Arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas

por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (BRASIL, 1997, p.14).

O docente precisa conhecer as diferentes teorias e práticas pedagógicas existentes, para que assim possa aplicá-las e guiar os alunos no processo de construção do conhecimento, na busca por construir o conhecimento a partir da realidade que o cerca, no contexto em que o mesmo se encontra, em uma conexão entre conteúdos, vivências e perspectivas futuras.

O conhecimento da Arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a Arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender (BRASIL, 1997, p.14).

Assim, as possibilidades combinatórias entre conteúdos e vivências para gerar experiências é infindável, cabendo, portanto, ao docente não só o conhecimento sobre as teorias que envolvem a contextualização das Artes em si, mas também o olhar cauteloso sobre o cenário com o qual os alunos lidam no dia a dia. Desta forma, é primordial que estes docentes também queiram experienciar situações e estimular em seus alunos o desenvolvimento de suas habilidades, tanto práticas quanto reflexivas, para que juntos possam construir o conhecimento usando a Arte como mecanismo.

Arte na construção do conhecimento

Segundo Davenport e Prusak (1998, p. 6), “o conhecimento pode ser comparado a um sistema vivo, que cresce e se modifica à medida que interage com o meio ambiente”. É pensando nesse aspecto mutável do conhecimento que podemos observar tal dinâmica no ensino de Artes. O caminho percorrido pelo conhecimento no que tange às práticas pedagógicas nas mais diferentes áreas, também pode servir de base para estudos e proporcionar reflexões sobre o conhecimento atrelado à dinâmica pedagógica.

No caso do ensino de Arte, por exemplo, entender quais são as metodologias e ou abordagens que realmente auxiliam na construção do conhecimento, faz com que o professor possa repensar suas práticas pedagógicas, modificando-as conforme os resultados da interação com os alunos forem surgindo. Isso faz com que a construção do conhecimento se torne palpável e assim se possa entender a dinâmica da sala de aula, principalmente no caso do ensino de Arte que, muitas vezes, não é visto com toda a importância que merece no processo de ensino e aprendizagem na carreira escolar dos indivíduos.

Nesse sentido Arte e ensino de Artes, ou seja, os exercícios para compreensão da Arte são grandes desafios, pois instauram questões também pelas associações que permitem realizar, convocando diversas áreas do conhecimento (BARBOSA, 2012, p. 38).

É com o olhar voltado para a prática pedagógica dos professores de Artes, e considerando a importância dos diferentes processos metodológicos existentes que se torna importante entender a dinâmica sobre a construção do conhecimento em Artes.

Considerando a escassez de estudos para o desenvolvimento da área, o ensino de Artes perpassou por interpretações subjetivas daqueles que estavam no comando do processo de organização dos currículos escolares, o que dificultou a organização didática e de aprendizagem desta área do conhecimento.

No Brasil, como vemos, nem a mera obrigatoriedade nem o reconhecimento da necessidade são suficientes para garantir a existência da Arte no currículo. Leis tão pouco garantem

um ensino aprendizagem que torna os estudantes aptos para entender a arte. Portanto, os poderes públicos, além de reservar em um lugar para arte no currículo e se preocuparem em como a arte é ensinada, precisam propiciar meios para que os professores desenvolvam a capacidade de compreender, conceber e fruir Arte (BARBOSA, 2012, p. 14).

Reis (2019) analisa o processo de ensino superior e como lidar com as tendências atuais em termos de qualidade, bem como, de sintonia para com as exigências não só mercadológicas, mas também sociais, no que tange a formação dos indivíduos.

Para resolver os desafios que enfrentamos hoje e ter certeza de não repetir os erros do passado, precisamos de todos os tipos de ferramentas: experiência de comportamento, especialização tecnológica, compreensão cultural, conhecimento biológico, compreensão histórica. Também precisamos entender como as disciplinas das áreas de humanidades e de Artes podem ajudar a nos entender como seres humanos e a solucionar os problemas da humanidade (REIS, 2019, p. 74).

A dinâmica do conhecimento e como se produz conhecimento, vem se alterando a cada dia com maior velocidade, considerando os meios de comunicação e a internet das coisas. É necessário, portanto, que se consiga alinhar teorias e mecanismos para que a formação acadêmica dos indivíduos contemple essa evolução nos processos e no entendimento sobre o mundo que nos cerca. Reis (2019) ainda salienta que na formação profissional deve-se considerar o papel de criação do conhecimento, para que seja possível construir competências para as futuras ocupações profissionais que consistem em:

Pensamento analítico e inovação, criatividade, originalidade e iniciativa, aprendizagem ativa e estratégias de aprendizagem, design e programação de tecnologia, liderança e influência social, pensamento crítico e análise, resolução de problemas complexos, resiliência, tolerância ao estresse e flexibilidade, inteligência emocional (REIS, 2019, p. 41).

Considerando as competências apresentadas por Reis (2019), é possível alinhá-las com a relevância do ensino de Arte e de humanidades como um todo, pois boa parte destas competências envolvem criatividade, desenvoltura, criticidade e o ato inovador, que podem ser formados a partir do ensino de Arte e suas vertentes. Assim, faz-se necessário não só repensar as formas de se ensinar Arte, mas também atribuir a esta área o seu devido protagonismo, na formação dos indivíduos.

Pensar o ensino de Arte implica em trazer à tona todo o panorama que se arrasta por décadas, de interpretações mal sucedidas e atribuições superficiais ao que realmente importa no processo de ensino e aprendizagem em Arte, que é a formação do aluno, enquanto indivíduo crítico e reflexivo. Barbosa (2007) apresenta que é por meio da Arte que se expressa a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social com o qual nos identificamos ou aquele em que nos situamos. Portanto, a Arte, nessa perspectiva, consiste num sistema de valores, crenças e tradições que não podem ser transmitidos por meio de nenhum outro tipo de linguagem, pois trata-se de um combinado que envolve para além dos sentidos, a expressão/representação de significados.

É válido ressaltar ainda que a Arte não caminha sozinha. Assim, como as demais áreas do saber, é necessário que haja inter-relações dentro dos processos de expressão, técnicas e contextos históricos que permeiam a Arte e, por isso, a Arte possui caráter transdisciplinar. Por transdisciplinar compreende-se que “como indica o prefixo, busca um movimento de através, de perpassa entre as diferentes áreas do conhecimento” (BARBOSA, 2012, p. 96). Desta maneira, o conhecimento em Arte se conecta com as mais variadas áreas, podendo ser atrelado às mais variadas situações e combinado aos mais variados assuntos, a fim de que se possa então, ter como resultado um conteúdo que faça sentido ao contexto no qual ele está sendo empregado.

Segundo Reis (2019) caminhamos para mudanças que serão necessárias não só no que

tange os currículos educacionais, mas também na própria visão do que é ser docente e mediador nesse processo de construção do conhecimento atrelado a vida dos acadêmicos.

Na área da educação, uma provável profissão do futuro é a de mentor para o desenvolvimento do conhecimento. A tendência é o surgimento de currículos cada vez mais abertos, com os quais os alunos passam a ter maior autonomia para criar trilhas. Isso já começa a ser realidade em algumas instituições de ensino superior [...]. Esse profissional será fundamental para as instituições de ensino superior, cuja missão será orientar, aconselhar o aluno sobre seu caminho de conhecimento e sobre a formação a percorrer (REIS, 2019, p 112).

É com este olhar, que devemos pensar o processo de ensino e aprendizagem, principalmente no que tange a formação acadêmica, de futuros professores, e os desafios que enfrentarão perante a constante mudança no perfil dos alunos, que possuem de maneira geral acesso a variadas fontes de informação, e necessitam de direcionamentos para o uso dessas informações em prol de transformá-las em conhecimento.

Além dessa peculiaridade inerente ao objeto do conhecimento, é preciso também propiciar situações para que o futuro Professor possa conhecer os outros sujeitos do processo: as crianças, os jovens, seus alunos. Entender como crescem e se relacionam com o meio social e cultural, como estabelecem a comunicação e como desenvolvem as linguagens e as expressões (BARBOSA, 2012, p. 176).

É na figura do docente que o processo de ensino se inicia. Este profissional como personagem fundamental do processo de construção do conhecimento em sala de aula, uma vez que é ele quem direciona e guia o percurso acadêmico nas diferentes áreas, lidando com os mais variados conteúdos.

Somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão fruidor de cultura e conhecedor da construção de sua própria nação (BARBOSA, 2012, p. 14).

Se faz necessário acompanhar a dinâmica das mudanças sociais, para não só fazer com que a escola esteja a par de tais acontecimentos, como também para que essa possa direcionar os docentes a fim de traçar suas estratégias pedagógicas para a formação plena dos alunos, seja em qual faixa etária for. Minioli e Silva (2013) afirmam ainda que o processo consiste, portanto, em buscar indicativos desta adequação às mudanças, o que não é tarefa fácil, pois exige apurada percepção do envolvimento de todos os agentes que compõem a comunidade escolar, além do fato de estar atento à realidade social em que a instituição está inserida.

É somente a partir da reflexão na ação que os agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem podem fazer fluir as informações e os conhecimentos próprios das práticas desenvolvidas no espaço escolar e necessários à construção do conhecimento [...]. A geração do conhecimento começa pela socialização, que é o processo pelo qual se adquire conhecimento tácito partilhando experiências. Estas experiências, são baseadas em modelos mentais ou habilidades próprias de cada indivíduo e podem ser adquiridas a partir da observação, imitação ou por meio de práticas de relacionamento entre aprendizes e mestres (MINIOLI; SILVA, 2013, p. 38 e 40).

Com o olhar atento às mudanças sociais e um alinhamento pedagógico estruturado a partir da realidade na qual a organização (instituição de ensino) se encontra, é possível fazer com que as ações em sala de aula, sejam cada vez mais assertivas. Desta forma, recursos como a Arte e suas vertentes, podem ser utilizados para estimular, facilitar, diversificar e tornar palpável a construção do conhecimento, de modo a atender as exigências constitucionais, sociais e pessoais para a formação plena dos indivíduos.

Pensar a educação na contemporaneidade é aceitá-la como ação genuinamente coletiva, criativa e conflitante, que requer que a experiência formativa se configure e reconfigure nos diferentes espaços de produção, difusão, circulação e construção do conhecimento (REIS, 2019). Assim, não há como considerar o processo de ensino e aprendizagem isolado a uma ou outra disciplina do currículo escolar, nem há como classificá-las em menor ou maior grau de importância.

Considerações Finais

É por meio da educação que se torna possível desenvolver a criticidade, a reflexão e a capacidade de resolução de problemas nos indivíduos, ou seja, é na escola que os alunos perpassam as diferentes disciplinas do currículo escolar a fim de formar uma base de conhecimento mínima para que estes possam exercer suas rotinas diárias almejando um futuro profissional e pessoal que atendam suas expectativas.

A Arte e todo seu arcabouço de conteúdo, apresenta estímulos e proporciona experiências para o desenvolvimento pleno das capacidades criativas, imaginativas, reflexivas e críticas e tal postura precisa ser valorizada no cenário educacional brasileiro.

Construir o conhecimento implica em fazer com que um determinado conteúdo ganhe significado para a realidade de cada aluno. Desta forma, o docente necessita ter conhecimento sobre as diferentes possibilidades de apresentar os conteúdos aos alunos. Esse processo ainda precisa levar em consideração o contexto no qual se encontram tais alunos, pois trata-se de um desenvolvimento em conjunto em que o docente deve mediar a forma de apresentação do conhecimento científico e historicamente acumulado. Simultaneamente, estimular os alunos a conectar tais referências para com a sua realidade atual, com o objetivo de desenvolver nos alunos a criticidade, a reflexão bem como fazer com que estes compreendam a relevância de estarem em uma sala de aula em um contexto de ensino e aprendizagem.

A formação dos indivíduos na educação básica, inclusive, precisa levar em consideração a relevância dos estudos atrelados a área de humanidades, principalmente a área de Arte. Os professores atuantes e aqueles que ainda irão se formar em licenciaturas de Artes Visuais, precisam compreender a importância da defesa de teorias e processos que legitimam a construção do conhecimento por meio da Arte. Para além das compreensões teóricas, os professores precisam entender quais caminhos podem percorrer, pois eles serão os guias no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

O que deve ser considerado é a importância da formação plena dos indivíduos como seres pensantes, críticos e que venham a lutar por uma sociedade cada vez mais justa e igualitária, e a Arte pode auxiliar na formação desse perfil reflexivo e crítico por meio das diferentes metodologia e teorias que fundamentam a formação docente.

Referências

ALMEIDA, Lênia Momesso César et al. As relações entre mídia e pós-modernidade na visão de professores universitários da cidade de Viçosa, MG. **Revista Científica Univiçosa** - Volume 4 - n. 1 - Viçosa-MG - jan. - dez. 2012.

ALVES, Fabíola Cristina. O “estado da Arte” do ensino de Artes visuais: novos e velhos desafios. **Plures Humanidades**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, 2016. Disponível em: <http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/242> Acesso em 27 jan. 2020.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2007 (2ª reimpressão).

- BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**, 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino de Arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes - Selo Martins, 2010.
- FARTHING, Stephen. **Tudo sobre Arte**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMBRICH, E. H. **A história da Arte**. Rio da Janeiro: LTC, 2008.
- HERNANDEZ, Fernando. **Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- MINIOLI, Célia Scucato; SILVA, Helena de Fátima Nunes. **Gestão do Conhecimento no espaço escolar memória organizacional como estratégia para a organização do trabalho pedagógico**. Curitiba – PR: CRV, 2013.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Conselho nacional de educação câmara de educação superior: Resolução nº 1, de 16 de Janeiro de 2009**. Diário Oficial da União, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2009/rces001_09.pdf Acesso em: 26 nov. 2019.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Conselho Nacional de Educação Parecer CNE/CES nº 280/2007**, aprovado em 6 de Dezembro de 2007. Diário Oficial da União, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/pces280_07.pdf. Acesso em 26 nov. 2019.
- REIS, Fábio. **Revolução 4.0: a educação superior na era dos robôs**. São Paulo: Cultura, 2019.
- ROETHER, Edna Teresinha. **Revisão sistemática X revisão narrativa**. Acta Paulista Enfermagem, São Paulo, vol. 20, n.2, 2007. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001&lng=en&nrm=iso&tling=pt#:~:text=Os%20artigos%20de%20revis%C3%A3o%20narrativa,de%20vista%20te%C3%B3rico%20ou%20contextual. Acesso em: 06 set. 2020.
- SAMPIERI. Roberto Hernández; COLLADO. Carlos Fernández; LUCIO. María Del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: Penso, 2013.
- SVEIBY, K. E. **A nova riqueza das organizações**. Tradução de Luiz Euclides Frazão Filho. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.